

# ALTERNÂNCIA ENTRE OS CONECTORES SEQUENCIADORES *E* E *AÍ* EM NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL ORAIS PRODUZIDAS POR PRÉ-ADOLESCENTES NATALENSES

Gabriela Fernandes Albano (UFRN)  
gabriela\_falbano@hotmail.com

## Introdução

Temos como objetivo principal investigar os conectores *E* e *AÍ* como formas variantes na indicação da função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI) em narrativas de experiência pessoal produzidas oralmente por pré-adolescentes natalenses. A SRPI acontece quanto o falante, no momento da produção, estabelece uma relação de continuidade e consonância entre os enunciados, tanto retomando quanto antecipando informações. A SRPI é codificada, no português brasileiro falado, pelos conectores sequenciadores *E* e *AÍ* (cf. TAVARES, 2003), conectores esses que aparecem com frequência na fala dos pré-adolescentes natalenses. A SRPI engloba as seguintes relações semântico-pragmáticas: sequenciação textual; sequenciação temporal; consequência/conclusão; retomada e finalização.

Desse modo, nos trechos de narrativa pessoal transcritos, foram destacados os conectores *E* e *AÍ*, que foram codificados quanto às seguintes relações semântico-pragmáticas: (i) sequenciação textual: marca a ordem em que os eventos apresentados se distribuem ao longo do discurso, ligando o que foi dito com o que ainda será apresentado; (ii) sequenciação temporal: acontece quando os eventos narrados se sucedem em uma linha cronológica, ou seja, pressupõe-se que o primeiro evento tenha acontecido antes do segundo; (iii) consequência/conclusão: introduz uma relação de consequência ou de conclusão em relação ao que foi dito anteriormente; (iv) retomada: ocorre quando o falante usa o conector sequenciador para indicar a recuperação de um assunto que foi interrompido por digressões; (v) finalização: é a introdução de uma informação que representa o fim de um tópico ou subtópico. Essas relações semântico-pragmáticas serão melhor explicadas e exemplificadas nas seções seguintes. A seguir, constam alguns exemplos retirados do nosso *corpus*:

- (1) Já, no- nesse carnaval aqui... recentemente, nesse ano, a gente fez cinco balões de água pra cada um, **aí** a gente foi pra praia, **aí** jogou, **aí** depois a gente tomou banho de praia **e** voltou pra casa. (BDFN; JV; mascul.)
- (2) Eu apresentei que... que... que fui pra muitas coisas **e** eu fui pra TV Cabugi por que o povo tava anotando, **aí** não deu pra anotar, **aí** eu acabei não anotando as coisas. (BDFN; M; femin.)

As entrevistas coletadas fazem parte do Banco de Dados FALA-Natal, ainda em processo de constituição, que tem como objetivo fornecer entrevistas sociolinguísticas para pesquisas que tenham por intuito descrever o dialeto natalense. Neste estudo, foram considerados os usos dos conectores *E* e *AÍ* em trechos de narrativas de experiência pessoal produzidas nas quatro entrevistas que compõem nosso *corpus*.

Nas bases teóricas, encontra-se o funcionalismo linguístico norte-americano, o qual defende a língua como sendo influenciada fortemente pelo uso, moldada no dia-a-dia e afetada pela frequência de uso das formas linguísticas (cf. HOPPER, 1998). É comum que os falantes de uma língua criem estratégias envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais que possam ajudar na comunicação. De acordo com a frequência de uso, essas estratégias criativas podem se rotinizar e passar a serem usadas em contextos de interação mais específicos com construções cada vez mais gramaticais (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). A essa rotinização

dá-se o nome de gramaticalização, processo que leva um item lexical a ganhar funções gramaticais ou itens gramaticais a ganharem mais funções gramaticais. Dessa gramaticalização podem surgir formas que desempenhem a mesma função que já é realizada por formas mais antigas, fenômeno chamado de estratificação. É o caso do AÍ, que surgiu como conector no português brasileiro (cf. TAVARES, 2003), juntando-se a formas mais antigas, como o conector E, derivado do ET latino e presente na língua desde seus primórdios (cf. BARRETO, 1999).

Quando, em uma língua, duas formas diferentes desempenham uma mesma função, elas podem ser consideradas como formas variantes em competição. Sob essa ótica, temos a sociolinguística variacionista, que analisa o fenômeno da variação, possibilitando uma investigação que combina fatores linguísticos, estilísticos e sociais. A abordagem deste trabalho, por combinar pressupostos do funcionalismo e da sociolinguística, pode ser dita sociofuncionalista.

Por meio de uma abordagem sociofuncionalista, é possível obterem-se indícios de especializações de uso das formas envolvidas no processo de gramaticalização. Duas são as possibilidades: a) especialização por generalização (HOPPER, 1991): uma das formas sofre generalização de significado, assumindo as funções gerais e/ou específicas da forma concorrente, que tende, em geral, a ser eliminada ou a ter uso cada vez mais restrito; b) especialização por especificação (TAVARES, 2003): cada forma se especializa para funções ou contextos diferentes.

A análise das especializações de uso dos conectores E e AÍ na fala dos pré-adolescentes natalenses pode revelar uma etapa de seus processos de gramaticalização, que pode, inclusive, representar um passo final no processo de variação entre essas formas. Neste trabalho, controlamos as relações semântico-pragmáticas como uma forma de se chegar a possíveis especializações de uso existentes entre esses conectores na fala dos pré-adolescentes natalenses.

Em um estudo anterior, Tavares (2008) verificou que os pré-adolescentes são o único grupo etário da comunidade de fala natalense que utiliza com maior frequência o AÍ como conector, uma vez que os demais grupos etários optam com mais recorrência pelo E. Os resultados quantitativos obtidos por esse estudo foram: pré-adolescentes (indivíduos de 8 a 12 anos): E = 29%, AÍ = 71%; adolescentes (de 15 a 21 anos): E = 66%, AÍ = 34%; adultos mais jovens (de 25 a 45 anos): E = 62%, AÍ = 38%; adultos mais velhos (mais de 50 anos): E = 70%, AÍ = 30%.

Os pré-adolescentes aparecem como a faixa etária que mais faz uso do conector AÍ, tendo uma frequência de 71%. Esse grupo etário, por tentar se distanciar da fala infantilizada e ao mesmo tempo da fala dos adultos, tende a aproximar a fala dos indivíduos de mesma idade. Esse processo constitui-se como parte de sua busca pela identidade, sendo possível que formas tidas como estigmatizadas – caso do conector AÍ – tenham seu uso acelerado como característica de um grupo etário ou tribo (cf. CHAMBERS, 2003).

Devido à grande frequência de uso do conector AÍ entre os pré-adolescentes, foi escolhida, para aprofundamento neste estudo, essa faixa etária, que pode estar acelerando o uso dessa forma linguística na comunidade de fala e influenciando no processo de especialização de uso, e no próprio ritmo de seu processo de gramaticalização.

Para atingir o objetivo principal, que é analisar os conectores sequenciadores E e AÍ como variantes na indicação de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI), pretendemos: (i) verificar quais são as relações semântico-pragmáticas indicadas pelos conectores E e AÍ em narrativas de experiência pessoal produzidas oralmente por pré-adolescentes natalenses; (ii) averiguar se há diferença na distribuição dos conectores sequenciadores E e AÍ quanto às relações semântico-pragmáticas por eles indicadas em narrativas de experiência pessoal orais produzidas por pré-adolescentes; (iii) averiguar

possíveis especializações funcional de uso no que tange às relações semântico-pragmáticas; e, por fim, (iv) discutir o papel que os pré-adolescentes podem estar desempenhando no fenômeno de variação – quiçá de mudança por gramaticalização – envolvendo os conectores sequenciadores E e AÍ na comunidade de fala natalense.

O trabalho se encontra dividido da seguinte maneira: além da presente introdução, temos a metodologia, na qual será apresentada a constituição do *corpus* da pesquisa e as etapas dessa; em seguida, os resultados, no qual teremos a amostragem dos dados e a tabela com as porcentagens que fundamentam nossa análise; na última seção, temos a discussão analítica, na qual teremos a discussão dos resultados obtidos na seção anterior. Por fim, a conclusão e as referências bibliográficas.

## 1. Metodologia

Como *corpus* do estudo, foram realizadas quatro entrevistas sociolinguísticas com duração de aproximadamente 60 minutos cada. Essas entrevistas foram feitas com informantes natalenses, sendo dois meninos e duas meninas, com faixa etária entre 8 e 12 anos.

A entrevista sociolinguística é um instrumento de coleta de dados desenvolvido no âmbito da sociolinguística variacionista com o propósito de se chegar a uma amostra de fala mais informal (o vernáculo) de um informante. Nessas entrevistas são controlados fatores de ordem social, como nível de escolaridade, classe social, gênero, etnia, idade e classe social, o que possibilita sistematizar aspectos linguísticos com aspectos sociais. No presente trabalho, relacionamos o uso dos conectores E e AÍ com a faixa etária dos pré-adolescentes natalenses.

Em uma entrevista sociolinguística, o informante tem a oportunidade de produzir vários gêneros: receitas, narrativas de experiência pessoal, narrativas habituais, relatos de opinião. Nas quatro entrevistas sociolinguísticas que constituem o *corpus* deste estudo, foram transcritos apenas os trechos referentes às narrativas de experiência pessoal, estratégia que permite o contraste dos dados de conectores produzidos nesse gênero no desenrolar das entrevistas sociolinguísticas.

As narrativas de experiência pessoal são relatos de não ficção, em que o informante narra algum evento marcante em sua vida. Esse gênero é caracterizado por um clímax em que o falante, em geral, se transporta para o momento vivido, revivendo as emoções por que passou, e tende a monitorar menos as expressões linguísticas utilizadas. Segundo Labov, por ser a narrativa de experiência pessoal o gênero mais informal entre os existentes, é nela que o falante mais facilmente manifesta o vernáculo, salientando que, “uma vez envolvidos neste tipo de discussões, os falantes tendem a produzir lembranças vívidas, ricas em recursos vernaculares” (LABOV, 2001 *apud* TAGLIAMONTE, 2006, p. 52).

Nas transcrições feitas dessa narrativa produzida nas quatro entrevistas sociolinguísticas consideradas, os conectores sequenciadores E e AÍ foram destacados e codificados quanto a cinco relações semântico-pragmáticas: sequenciação textual, sequenciação temporal, consequência/conclusão, retomada e finalização. A análise dos resultados é exposta na próxima seção.

## 2. Resultados

Nas narrativas de experiência pessoal, usadas como fonte para extração dos dados da pesquisa, identificamos ocorrências dos conectores E e AÍ nas seguintes relações semântico-pragmáticas: sequenciação textual, sequenciação temporal, consequência/conclusão e retomada. A seguir, explicamos cada relação semântico-pragmática e, para melhor ilustrar, colocamos duas amostras de fala.

A sequenciação textual marca a ordem em que os eventos apresentados se distribuem ao longo do discurso, ligando o que foi dito com o que ainda será apresentado. Abaixo, exemplos retirados da nossa amostra de dados:

- (3) Um dia a gente tava levando... eu (“tava”)... minha mãe tava me levando pra casa, **AÍ** eu já sabia... era meu aniversário, **AÍ** a gente abriu a porta **E** tava todo mundo lá dentro... “feliz aniversário”... é... foi legal. (BDFN; JV; mascul.)
- (4) Foi- foi meu pai que me levou, foi minha família, **AÍ** eu vi os golfinho... ele pulava, eu vi de instante em instante. (BDFN; M; femin.)

A sequenciação temporal acontece quando os eventos narrados se sucedem em uma linha cronológica, ou seja, pressupõe-se que o primeiro evento tenha acontecido antes do segundo e assim sucessivamente. Algumas amostras de fala estão expostas abaixo:

- (5) **AÍ** escutei dois barulhos assim: pá, pá, pá. **AÍ** [uma amiga] da minha avó disse “\*, corre porque é bala”, **AÍ** eu digo “como tu conhece?”, “porque eu sei”. (BDFN; W; mascul.)
- (6) Tica-leão é uma pessoa- uma pessoa fica abaixada... não, os homens ficam abaixado, a gente vai “leãozinho”, **AÍ** quando o professor apita, **AÍ** os leões- o leão tem que tica a gente, aí quando é- quando ele tica a gente, a gente fica parada. (BDFN; M; femin.)

A consequência/conclusão introduz uma relação de consequência ou de conclusão em relação ao que foi dito anteriormente. A seguir estão dois exemplos, sendo o primeiro de conclusão e o segundo de consequência:

- (7) Eu apresentei que... que... que fui pra muitas coisas e eu fui pra TV Cabugi por que o povo tava anotando, aí não deu pra anotar, **AÍ** eu acabei não anotando as coisas. (BCFN; M; femin.)
- (8) Falaram que eu tinha batido num menino, mas eu não tinha batido, **AÍ** foi uma confusão grande, muito grande, muito grande mesmo. (BCFN; JV; mascul.)

A retomada acontece quando o falante usa o conector sequenciador para indicar a recuperação de um assunto que foi interrompido por digressões. Abaixo constam exemplos desse uso:

- (9) Eu num gostei um dia, sabe?, num tem aqueles helicópteros, né? Da polícia? Ele tava procurando ladrão, aí eu peguei, né?, tava lá na... na minha calçada... [que é muito perigoso, né?, ficar assim em calçada.] **AÍ** eu peguei e fiquei lá, né? [...]. (BDFN; W; mascul.)
- (10) Eu tava brincando, aí eu pisei numa caravela, [aí eu- aí tava eu e Ivone... eu e Ivone... aí assim (“Ivone”), tá doendo meu pé”, aí eu levei-] **aí** foi caravela. Eu voltei pra casa, minha mãe botou gelo. (BDFN; M; femin.)

Por fim, temos finalização, que é a introdução de uma informação que representa o fim de um tópico ou subtópico. Diferente das demais relações semântico-pragmáticas, finalização só obteve um dado, desse modo, apresentaremos apenas um exemplo:

- (11) [...] E os adultos lá conversando, aí todo mundo dizendo “cadê o prato, \*? Cadê o prato?” **E** até hoje me perguntam sobre o prato que eu deixei em cima da pia que sumiu. (BDFN; AJ; femin.)

As relações semântico-pragmáticas nem sempre aparecem isoladamente umas das outras, podendo ocorrer sobrepostas. Esse não é o foco do estudo, no entanto, merece destaque o caso, por exemplo, da sequenciação temporal e da consequência, pois, em alguns casos, além de um certo evento se seguir temporalmente a outro, pode ser sua consequência.

Os dados extraídos das narrativas de experiência pessoal nas quatro entrevistas sociolinguísticas contabilizam um total de 133 dados, os quais foram organizados na tabela a seguir, que traz as frequências e percentuais referentes ao emprego dos conectores E e AÍ em cada relação semântico-pragmática. Esses resultados são descritos abaixo da tabela e melhor discutidos na próxima seção.

<b>Rel. Semântico-Prag.</b>	<b>E</b>		<b>AÍ</b>	
	<b>Ap./Tot.</b>	<b>%</b>	<b>Ap./Tot.</b>	<b>%</b>
<u>Sequenciação Textual</u>	12/63	19	51/63	81
<u>Sequenciação Temporal</u>	4/36	11	32/36	89
<u>Consequência/Conclusão</u>	3/28	11	25/28	89
Retomada	1/5	20	4/5	80
Total	21/133	16	112/133	84

**Tabela 1:** Distribuição de E e AÍ quanto à relação semântico-pragmática em narrativas de experiência pessoal

Na tabela acima é possível observar os resultados quantitativos que obtivemos no que se refere à distribuição dos conectores sequenciadores por relação semântico-pragmática nas narrativas de experiência pessoal. Nota-se que o AÍ é responsável por 84% dos dados (112 ocorrências do total de 133), ficando o E com 16% dos dados (21 ocorrências do total de 133).

Das cinco relações semântico-pragmáticas controladas, finalização não aparece na tabela acima, pois só obteve uma ocorrência nas narrativas de experiência pessoal, sendo com o conector E. No que diz respeito à sequenciação textual, dos 63 dados coletados, 12 são correspondentes ao conector E (19%) e 51 ao conector AÍ (81%). No que se refere à sequenciação temporal, do total de 36 dados, 4 são relativos ao E (11%) e 32 ao AÍ (89%). Com relação à consequência/conclusão, das 28 ocorrências, 3 são do conector E (11%) e 25 do AÍ (89%). Por fim, retomada obteve 5 dados ao todo, sendo 1 do conector E (20%) e 4 do AÍ (80%).

Esses resultados nos mostram que, nas narrativas de experiência pessoal, entre os conectores E e AÍ, em todas as relações semântico-pragmáticas, – com exceção de finalização por não obter uma quantidade significativa de dados – os pré-adolescentes natalenses têm uma preferência pelo uso do conector AÍ, que conta com taxas de ocorrência de 80% a 89%.

### 3. Discussão analítica

Como foi mostrado na seção anterior, o AÍ foi o conector sequenciador mais recorrente em nossa mostra de dados, sendo responsável por 84% dos dados provindos das narrativas de experiência pessoal. Os resultados obtidos confirmam, portanto, a nossa hipótese inicial de que o AÍ seria mais utilizado do que o E entre os pré-adolescentes natalenses.

Uma possível explicação para a alta frequência de uso do conector AÍ entre os pré-adolescentes se encontra justamente na questão da faixa etária. É comumente na pré-adolescência e na adolescência que o indivíduo sente a necessidade de constituir sua identidade e, para tanto, tende a distanciar-se tanto da fala infantilizada das crianças, como da fala mais conservadora dos adultos, optando por aproximar a fala dos indivíduos da mesma idade ou um pouco mais velhos (cf. CHAMBERS, 2003). No caso dos mais jovens, é comum que passem a dar preferência ao uso das formas linguísticas de menos *status*, formas essas de

caráter mais informal ou mesmo estigmatizadas socialmente, como uma maneira de reafirmar sua identidade.

De modo geral, as mudanças linguísticas são lideradas pelos adolescentes e pré-adolescentes (cf. TAGLIAMONTE, 2006), que costumam optar por formas mais recentes na língua e, por isso, geralmente mais estigmatizadas – caso do AÍ –, enquanto os falantes mais velhos tendem a ser mais conservadores e, tipicamente, utilizam com mais recorrência as formas da língua culta – caso do E –, muitas vezes por exigência do mercado de trabalho. Durante a pesquisa, optamos por analisar apenas a fala dos pré-adolescentes, e constatamos nela uma alta taxa de ocorrência do conector AÍ (84% do total de dados nas narrativas de experiência pessoal). Considerando o intenso uso do conector em estudo pelos pré-adolescentes natalenses, identificamos esse fenômeno como uma possível marca característica desse grupo. No entanto, apenas um estudo futuro, levando em conta um maior número de informantes de diferentes faixas etárias, pode trazer mais esclarecimentos a esse respeito.

Para uma investigação mais aprofundada dos resultados obtidos, requer-se o conhecimento do processo de gramaticalização, ou seja, o processo segundo o qual formas lexicais adquirem funções gramaticais e formas gramaticais adquirem novas funções gramaticais. O constante uso dessas formas leva ao processo de rotinização, assim,

“o movimento de rotinização gramatical é denominado gramaticalização, que pode ser definida como o processo de regularização gradativa pelo qual um item frequentemente utilizado em contextos comunicativos particulares adquire função gramatical e pode, uma vez gramaticalizado, angariar ainda mais funções gramaticais” (TAVARES, 2006, p. 46).

Uma consequência da gramaticalização é a especialização de uso, que, como já dito, trata-se do processo em que uma forma gramatical passa a ser usada em contextos em que a forma concorrente era anteriormente mais frequente. Dois tipos de especialização são possíveis: (i) especialização por generalização: uma das formas sobre abstração de sentido/significado, passando a ser usada em contextos antes dominados pelas demais formas; (ii) especialização por especificação: cada forma concorrente se especializa em contextos de uso distintos.

No que diz respeito às relações semântico-pragmáticas controladas, no que se refere às narrativas de experiência pessoal, os resultados obtidos apontam para o fenômeno de especialização por generalização, visto que, nesse gênero textual, o AÍ predomina sobre o E na codificação de todas as relações semântico-pragmáticas, com taxas de uso de 89% (sequenciação temporal), 81% (sequenciação textual) e 80% (retomada).

Como o uso do conector AÍ é avaliado como típico de contextos de fala informal pelos pré-adolescentes natalenses (cf. SILVA, 2013), é possível que essa avaliação esteja subjacente ao fato de ele ser frequente em narrativas de experiência pessoal e, sendo assim, manifestar especializações de uso melhor definidas. Lembramos que, nas narrativas de experiência pessoal, o informante costuma conectar-se mais emocionalmente com o que está narrando, por contar um evento de ocorrência única que envolveu a si próprio, evento esse que foi emocionante, assustador ou, pelo menos, interessante. Isso pode “estimular o aparecimento de formas variantes que o informante costuma empregar nas situações de comunicação informais do dia a dia, caso do AÍ” (TAVARES, 2014, p. 216). Desse modo, as narrativas de experiência pessoal trazerem à tona um estilo mais informal, e, assim, representar um contexto mais propício à intensa utilização do conector AÍ.

## Conclusão

Neste trabalho, analisamos os conectores sequenciadores E e AÍ como variantes na indicação da SPRI. Para tanto, realizamos quatro entrevistas sociolinguísticas com pré-adolescentes natalenses, com o intuito de coletar dados desses conectores em narrativas de experiência pessoal. Depois da coleta de dados, os conectores foram codificados quanto as seguintes relações semântico-pragmáticas: sequenciação textual, sequenciação temporal, consequência/conclusão, retomada e finalização.

Os resultados obtidos, nas narrativas de experiência pessoal, mostraram uma alta taxa do conector AÍ, que conta com 84% do total de ocorrências nesse gênero textual. Além disso, o conector em estudo predominou sobre o conector E em todas as relações semântico-pragmáticas analisadas, com mais de 80% das ocorrências em cada caso. O predomínio do AÍ comprovou nossa hipótese inicial sobre o seu grande uso entre os pré-adolescentes, e nos levou a analisar a alta frequência desse conector como sendo uma marca característica desse grupo de falantes, que é empregada com frequência intensa especialmente em contextos de maior informalidade, como o representado pelas as narrativas de experiência pessoal. Com relação à especialização de uso, devido às altas taxas do conector AÍ em todas as relações semântico-pragmáticas controladas, concluímos que um processo de especialização por generalização pode estar em andamento na fala os pré-adolescentes natalenses no que se refere, especificamente, às narrativas de experiência pessoal.

Trabalhos como esses podem contribuir para a descrição do dialeto natalense, como uma maneira de mostrar de que forma esse dialeto se diferencia dos demais. Ademais, podemos pontuar também como uma contribuição do trabalho, entender de que forma a fala dos pré-adolescentes se diferenciam das demais faixas etárias, e como esse grupo específico usa a língua como uma maneira de atestar sua identidade e fazer parte de um grupo. Estudos sociofuncionalistas, com enfoque em descrever e analisar a fala de uma comunidade, contribuem também para o ensino de português em sala de aula, não só para mostrar como a língua falada tem uma gramática diferente da língua escrita, mas também para combater o preconceito linguístico e mostrar aos alunos que a língua é maleável e se adequa aos variados contextos.

## Referências bibliográficas

- BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- CARRANZA, I. E. Low-narrativity narratives and argumentation. *Narrative Inquiry*, v. 8, n. 2, p. 287 – 317. 1998.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge: Blackwell, 2003.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.
- \_\_\_\_\_. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. v. 1. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 155-176.
- \_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- SILVA, W. P. B. *Conectores sequenciadores E e AÍ em contos e narrativas de experiência pessoal escritos por alunos de ensino fundamental: uma abordagem sociofuncionalista*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós- Graduação em Estudos da Linguagem - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. Correlações função-forma em dois períodos do século XX: indícios de especialização funcional. *Gragoatá*, n. 21, p. 43-58. 2006.

\_\_\_\_\_. Conectores sequenciadores: condicionamentos sociais em duas comunidades de fala brasileira. *Revista Lingüística*, v. 4, p. 19-37. 2008.

\_\_\_\_\_. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; CHRISTIANE, M. N. de (Orgs). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.